

**Rubem Braga**

Radw ME - 1.9.62 e  
26.12.63  
Quadrante II  
DN 25.6.66  
R N 114

# BOCAGE ANDOU PELO RIO

**H**OJE, não sei; mas no meu tempo de menino tudo que era verso de bandalheira e anedota pornográfica era atribuído a Bocage. A um tal ponto que até mesmo o nome do poeta tinha o ar de uma palavra feia; não era nome que se dissesse perto de môça. Só mais tarde vim a saber que Manuel Maria Hedoís du Bocage tinha sido também um poeta sério, quero dizer, um poeta de verdade, lírico, triste. Li então muitos de seus poemas e, embora lhe preferia, em sua época, o nosso bom Gonzaga — passei a respeitar o seu valor. Só outro dia, entretanto, de passagem por Lisboa, comprei uma biografia do Bocage. Já tinha uma idéia de sua vida, mas não sabia que êle tinha estado no Rio.

Nascido em Setúbal, em 1765, Bocage aprendeu em casa as primeiras letras, depois estudou gramática e latim com um frade espanhol; aos 16 anos sentou praça na infantaria, aos 18 entrou para a Academia dos Guardas-Marinhas de Lisboa, aos 20 e tanto foi nomeado guarda-marinha da Armada do Estado da Índia e para lá embarcou no dia 14 de abril de 1786. Sabemos que a 3 de setembro chegou a Moçambique e que nesse intervalo passou algumas semanas no Rio — em junho, com certeza.

Governava o Brasil Luís de Vasconcelos de Sousa, que recebeu muito bem o môço poeta. Êste se hospedou em uma pousada muito decente na Rua das Violas, perto da Rua São Joaquim, no lugar chamado Ilha Sêca — confesso que não sei onde é. Frequentou a sociedade e gostou da terra — e em versos que manda à sua grande paixão lisboeta, a môça Gertrudes, êle se gaba de que môças do Rio, “mil graças”, queriam prendê-lo — “usurpar-te meus cultos presumiam” — mas pois sim, brasileirinhas, êsse rapazelho magro, de cara morena e comprida, bôca pequena mas carnuda, nariz grande e olhos azuis, êsse já tinha dono — “mas a fé me acompanha, a fé me alenta e constância me dá, com que resista”. Será verdade? O biógrafo, que é o Mário Domingues, duvida muito...

O fato é que o poeta versejou muito em nossa terra, e parece que levava a sério o nome da cidade, pois em dois poemas se exprime co-

mo vivesse mesmo à margem de rio chamado de Janeiro: “lá na tépida margem do límpido janeiro...”

Em Goa, Bocage não se deu muito bem; gente da terra, inclusive portugueses, conspirava contra o domínio lusitano. Inclusive padres — e um dêles era o padre José Custódio de Faria, que mais tarde, fugido do Pina Manique, em Paris, haveria de conhecer Alexandre Dumas e ser imortalizado por êle no “Condé de Monte Cristo”, com o nome de Abade Faria. Era a “Conjuração dos Pintos”, que precedeu a nossa Inconfidência Mineira e foi punida com mais fúria, pois nada menos de 15 réus, inclusive um capitão e dois tenentes, foram arrastados pelas ruas de Goa até a fôrça — Deus guarde a alma da sereníssima senhora D. Maria I!

De Goa foi o poeta para Damão, já tenente; desertou, andou uns tempos em Surrate apaixonado por uma senhora Manteigui de costumes ligeiros, foi mendigo em Cantão, deu com os ossos em Macau, onde amigos o socorreram e o mandaram de volta a Lisboa, isso já em 1890. Aí que é que começa a grande fase boêmia do Bocage, dormindo em estalagens conventos, trovando em cafés, tomando genebra, cantando em “outeiros” para as freiras que naquele tempo, não raro, eram muito assanhadas. No meio de tudo isso fêz-se amigo e depois inimigo daquele mau caráter exemplar que era o padre José Agostinho de Macedo, entrou para a “Nova Arcádia”, saiu, chorou a morte de Maria Antonieta mas depois começou a fazer poemas a favor da Liberdade e em louvor de Napoleão. É aí, quando o terrível Pina Manique quer-lhe deitar a mão, que o poeta, já em seus 31 anos de idade, se lembra de nosso bom Rio de Janeiro. Mete-se em um navio para fugir para o Rio, mas é tirado de bordo e levado para o cárcere.

Um ano de prisão, quase todo em mosteiros de frades inteligentes e amigos, haveria de fazer bem ao poeta, que depois disso arrumou melhor sua vida, morando com a irmã até aos 40 anos, quando morreu. Em sua existência atribulada e amarga o Rio ficou como um remanso de paz e de carinho.